

FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica  1806-8863
Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Departamento de Botânica e Ecologia do Instituto de Biociências
Volume 4, Número 15, 2026:e260018
Janeiro/Dezembro, 2026
Páginas 1 - 24

 [10.59621/flovet.2026.v4.n15.e20260018](https://doi.org/10.59621/flovet.2026.v4.n15.e20260018)



MEDICINA TRADICIONAL EM TERRAS ALTAS E BAIXAS. MATO GROSSO, BRASIL

Gabriel Calgaro Piazzeta¹

UFMT

Camila Pasa²

UNIC

Maria Corette Pasa³

UFMT

RESUMO

A medicina tradicional concentra-se no conhecimento empírico de práticas de cura de diferentes grupos humanos, incluindo o uso de plantas medicinais. Objetivou-se determinar se há consenso no uso de plantas medicinais entre comunidades rurais de terras altas e baixas de Mato Grosso. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas, caminhadas na mata, observação participante e levantamento bibliográfico. Analisaram-se as similaridades entre conjuntos de dados para avaliar a convergência no uso de plantas medicinais, considerando a influência de culturas indígenas, africanas e quilombolas. O consenso de uso foi avaliado pelo percentual de consenso de uso (PCUsp%). Foram registradas 57 espécies medicinais, predominantemente nativas, embora algumas sejam cultivadas. As famílias mais representadas foram Fabaceae, Myrtaceae e Asteraceae. O expressivo consenso de uso evidencia peculiaridades históricas e culturais e contribui para compreender os legados da diáspora africana, da expansão europeia e da cultura indígena na adaptação e manutenção das floras locais, refletindo o processo de ocupação humana em Mato Grosso.

Palavras-chave: Etnobotânica; Plantas medicinais; Comunidades tradicionais.

¹Biólogo. Universidade Federal de Mato Grosso. UFMT. Cuiabá, Mato Grosso. Brasil. Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 Bairro Boa Esperança. Cuiabá, MT. CEP: 96900-000. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6121-5985>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1702950830336412>. E-mail: gabrielpiazzeta@gmail.com

²Doutora pela UFMT. Faculdade de Medicina. Universidade Federal de Mato Grosso. Professora do Curso de Medicina. Universidade de Cuiabá. UNIC. Mato Grosso. Brasil. Avenida Manoel José de Arruda, nº 3100 – Bairro

TRADITIONAL MEDICINE IN HIGHLANDS AND LOWLANDS: MATO GROSSO BRAZIL

ABSTRACT

Traditional medicine is based on the empirical knowledge of healing practices developed by different human groups, including the use of medicinal plants. This study aimed to determine whether there is consensus on the use of medicinal plants among rural communities in the highlands and lowlands of Mato Grosso, Brazil. Data were obtained through interviews, forest walks, participant observation, and a literature review. Similarities among datasets were analyzed to assess convergence in the use of medicinal plants, considering the influence of Indigenous, African, and Quilombola cultures. The consensus of use was assessed using the percentage of use consensus (PCUsp%). Fifty-seven medicinal species were recorded, predominantly native species, although some were cultivated. The most represented botanical families were Fabaceae, Myrtaceae, and Asteraceae. The high consensus in plant use reflects historical and cultural particularities and contributes to understanding the legacies of the African diaspora, European expansion, and Indigenous culture in the adaptation and maintenance of local floras, reflecting the process of human occupation in Mato Grosso.

Palavras-chave: Ethnobotany; Medicinal plants; Traditional communities.

MEDICINA TRADICIONAL EN TIERRAS ALTAS Y BAJAS. MATO GROSSO, BRASIL RESUMEN

RESUMEN

La medicina tradicional se basa en el conocimiento empírico de las prácticas de curación desarrolladas por diferentes grupos humanos, incluido el uso de plantas medicinales. Este estudio tuvo como objetivo determinar si existe consenso en el uso de plantas medicinales entre comunidades rurales de tierras altas y bajas de Mato Grosso, Brasil. Los datos se obtuvieron mediante entrevistas, caminatas por el bosque, observación participante y revisión bibliográfica. Se analizaron las similitudes entre conjuntos de datos para evaluar la convergencia en el uso de plantas medicinales, considerando la influencia de las culturas indígenas, africanas y quilombolas. El consenso de uso se evaluó mediante el porcentaje de consenso de uso (PCUsp%). Se registraron 57 especies medicinales, predominantemente nativas, aunque algunas son cultivadas. Las familias botánicas más representadas fueron Fabaceae, Myrtaceae y Asteraceae. El elevado consenso en el uso de las plantas refleja particularidades históricas y culturales y contribuye a comprender los legados de la diáspora africana, la expansión europea y la cultura indígena en la adaptación y mantenimiento de las floras locales, reflejando el proceso de ocupación humana de Mato Grosso.

Palavras-chave: Etnobotánica; Plantas medicinales; Comunidades tradicionales

Jardim Europa, Cuiabá - MT, CEP 78065-900. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-7329-0158> Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8923047534814039>. E-mail: camila.pasa@kroton.com.br

³Doutora pela UFSCar. São Paulo. Departamento de Botânica e Ecologia. UFMT. Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 Bairro Boa Esperança. Cuiabá, MT. CEP: 96900-000. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5304-5294>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2310087312>. E-mail: pasaufmt@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Etnobotânica define que as plantas medicinais são “o estudo das inter-relações diretas entre seres humanos e plantas” (Ford 1978), em sistemas dinâmicos (ALCORN 1995). O uso de plantas, em especial as medicinais, em regiões da África, Ásia e América Latina registra que grande parte da população atende suas necessidades básicas de saúde por meio da medicina tradicional, através de crenças e saberes antigos tais como terapias espirituais, técnicas manuais, tratamentos à base de ervas e minerais, dentre outros recursos (WHO, 2003).

Os povos tradicionais compartilham características como viver em áreas rurais próximas as florestas onde a dependência da natureza, seus ciclos e seus produtos são fundamentais na organização, produção e reprodução social de seus caminhos culturais (PASA et al. 2019). Ao utilizarem os recursos vegetais através de diferentes bens dos serviços ecossistêmicos também promovem o incentivo à conservação da diversidade biológica (FONSECA-KRUEL; PEIXOTO, 2004). Neste contexto, através da etnobotânica o estudo busca interligar os saberes mato-grossenses com a botânica, registrada nas unidades de paisagens como matas, hortas e quintais, que permitiu que essas pessoas identificassem as plantas com seus usos e atributos inerentes à simbologia afro-brasileira.

O presente trabalho insere-se no contexto de um levantamento etnobotânico mais amplo realizado nas mesmas comunidades (LEZAN et al., 2024), que foram documentadas 176 espécies com múltiplos usos. No entanto, observou-se a necessidade de uma análise aprofundada e focada exclusivamente no componente medicinal da flora nativa, a fim de compreender a base da farmacopeia autóctone, analisando especificamente este subconjunto de dados para revelar padrões mais evidentes e específicos para plantas medicinais.

Ao avaliar a importância das plantas medicinais nas comunidades tradicionais rurais mato-grossenses, objetivamos investigar o potencial etnobotânico em contribuir para a segurança medicinal das famílias locais, e questões norteadoras ilustram as condições atuais e futuras sobre o uso das plantas medicinais: 1) a diversidade de plantas medicinais atende às necessidades básicas de saúde das famílias locais? 2) A biodiversidade local está ameaçada pela falta de manejo e/ou conservação? 3) o quanto representam as unidades de paisagens (matas, hortas e quintais) e suas práticas com as plantas medicinais? 4) Qual é o valor das plantas medicinais no cenário da bioeconomia mato- grossense?

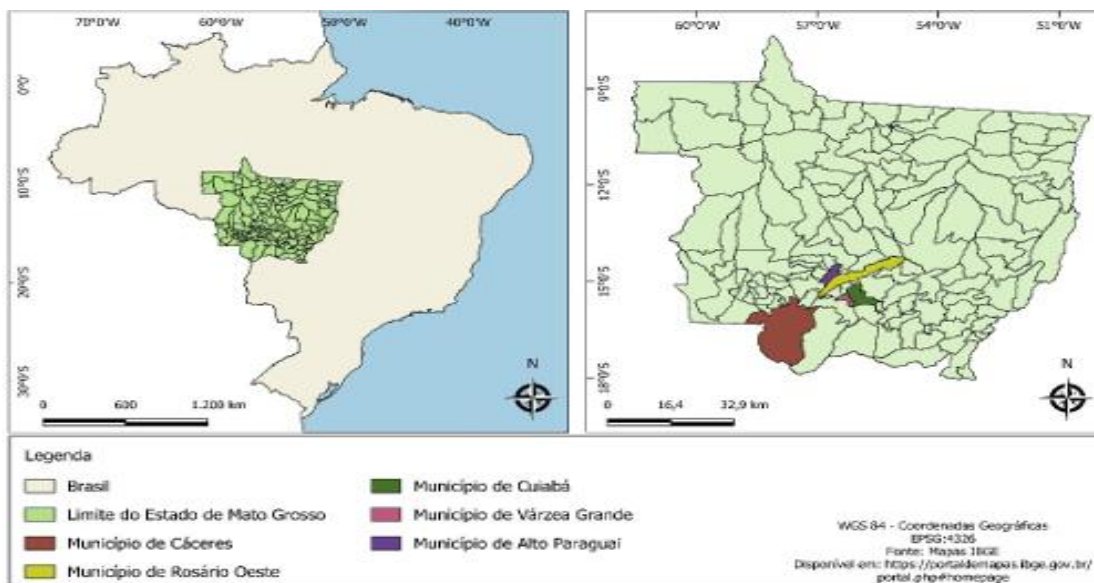
MATERIAL E MÉTODOS

Área de estudo

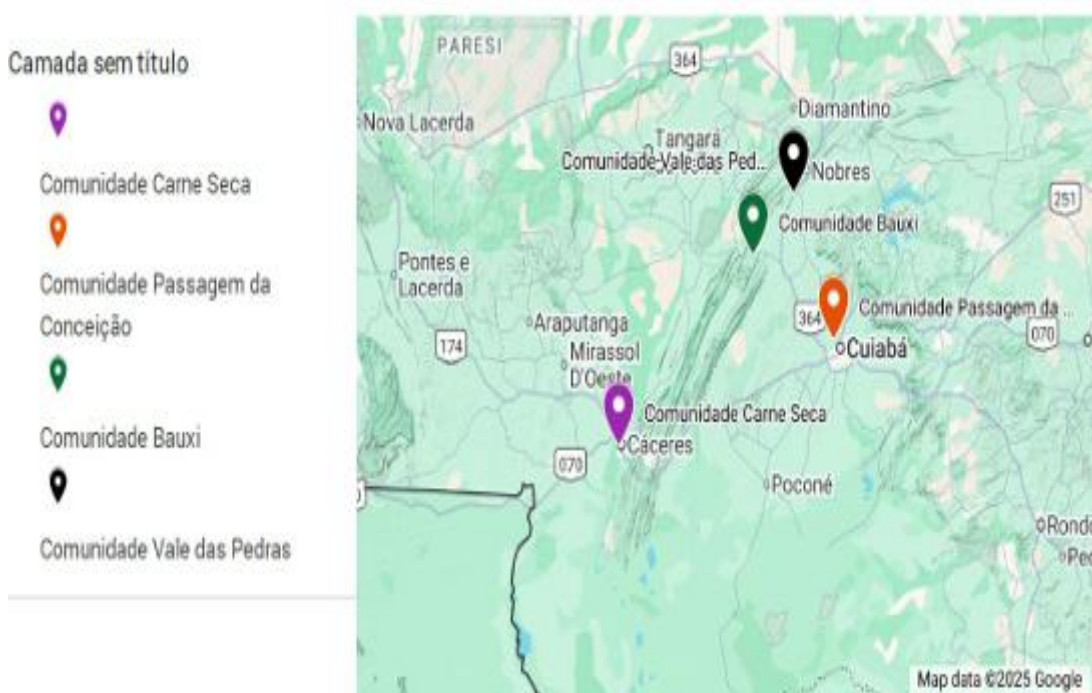
O estudo foi desenvolvido em quatro municípios mato-grossenses, especialmente nas comunidades rurais: 1) Passagem da Conceição; 2) Vale das Pedras (Alto Paraguai), 3) Bauxi (Alto Paraguai) e 4) Carne Seca (Cáceres, Pantanal), conforme Figura 1 e 2.

Figura 1. Localização das comunidades mato-grossenses. MT. 2023.

FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica, Cuiabá (MT), v. 4, n. 15, e20260018, ISSN: 1806-8863, 2026



Fonte: RAMIREZ, G. (2025).



Fonte: Acervo dos autores a partir do Map data (2025).

Metodologia

A matriz de dados para este estudo foi selecionada a partir do levantamento geral de 176 espécies documentadas por Lezan et al. (2024). Para atender aos objetivos específicos deste trabalho, foram aplicados dois critérios de filtros sucessivos: primeiramente, selecionadas apenas as espécies com indicação de uso medicinal (M) para tratar de doenças físicas, mentais, espirituais e da alma (mística religiosa), em segundo lugar, deste subconjunto, foram selecionadas apenas as espécies de origem nativa (N).

Este processo de seleção resultou na matriz de dados final para esta análise, composta por 57 espécies medicinais nativas (Tabela 1). O procedimento metodológico inerente às pesquisas em Etnobotânica aborda os tratamentos qualitativo e quantitativo.

Para a análise qualitativa foram utilizadas as informações botânicas e etnobotânicas, obtidas através das entrevistas dos tipos semiestruturada e aberta (MINAYO, 2007), com questões em abertas (open-ended) e fechadas (closed-ended) (ALBUQUERQUE et al., 2010). A técnica utilizada foi a snowball sampling, também conhecida como a técnica Bola de Neve, segundo BALDIN e MUNHOZ (2011); também foram aplicadas a observação direta, turnê-guiada, anotações de campo, registro de imagens, e tudo isso organizado em uma planilha de dados.

Para o registro de dados qualitativos aborda-se o estado de realidade cultural que não pode ser quantificado, obedecendo ao “universo” de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes. A estatística descritiva analisa os dados socioeconômicos dos informantes e as relações entre pessoas e plantas no seu cotidiano (MINAYO, 1994, 2007). Segundo Gaskell (2008), a entrevista é uma técnica essencial para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas ou pontos de vista sobre os fatos, além daquelas que o entrevistador espera. A entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo em etnobotânica (PASA, 2020).

Os registros dos dados socioeconômicos foram conduzidos na residência dos informantes, com pessoas da família maiores de 18 anos. Os cuidados para deixar os entrevistados à vontade com o pesquisador e sem interferência de terceiros foi primordial (MINAYO, 2008). Através da Observação Direta foi possível registrar as atividades de manejo com as plantas nas diferentes unidades de paisagem, como roça, quintal, horta e mata, desenvolvida pelos moradores das comunidades e conhecer um pouco mais sobre a história de vida em que relatam as suas experiências ao longo da vida ou parte de suas vidas (MEIHY, 1986). Os relatos emitidos pelos informantes durante turnê-guiada registram as plantas usadas como medicinais no cotidiano rural. Para garantir o registro destas informações foi utilizado o diário de campo, que tem por finalidade registrar também os acontecimentos pertinentes à pesquisa, sendo uma importante ferramenta durante a fase de coleta de dados. Segundo Minayo (2010) o diário de campo é um documento pessoal e constitui um meio em que o pesquisador dispõe para organizar seus dados, sejam eles, acontecimentos, percepções ou sentimentos. Nesta perspectiva, o registro fotográfico como ferramenta nas atividades de campo, permite o registro de imagens das espécies vegetais, do manejo e outras atividades de cunho social e cultural realizadas nas comunidades. Para análise quantitativa foi aplicado o Nível de Fidelidade (NF), segundo Phillips (1996) e Friedman et al (1986), onde:

$$NF = Fid \times 100$$

$$Fsp\ FC = Fsp/mais\ citada$$

$$PCUsp\ (\%) = NF \times FC.$$

A frequência relativa do uso de cada espécie citada PCUsp (%) é operacionalizado pelo produto do Nível de Fidelidade (NF) com o Fator de Correção (FC).

As patologias serão associadas com as categorias nosológicas conforme a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10) (OMS, 2008). Para os dados etnobotânicos foram anotados as espécies vegetais e os dados com nome(s) popular(es), parte(s) utilizada(s), forma de uso(s) popular(es),

modo(s) de administração e indicação(ões) de uso(s), cultivos, manejos e consumo (2023 e 2024).

Os nomes científicos foram identificados de acordo com o sistema de classificação ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP (2016) e LORENZI (2002). Após, realizou-se a identificação do material coletado (vegetativo e reprodutivo) no Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Para o desenvolvimento da pesquisa utilizou-se da Aprovação do Comitê de Ética Seres Humanos – CEP–UFMT, com registro CAAE nº 78947824.2.0000.8124 e o Número do Parecer: 7.160.593, do ano de 2024.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para os dados botânicos e etnobotânicos registrou-se 57 espécies medicinais nativas representadas por 28 famílias botânicas, sendo as mais expressivas Fabaceae (7), Myrtaceae (5), Asteraceae (4), Orchidaceae (4), Amaranthaceae (3), Euphorbiaceae (3), Rubiaceae (3), Solanaceae (3), de acordo com a Tabela 1.

Tabela 1 - Dados botânicos e etnobotânicos em terras altas e baixas mato-grossenses. MT. 2025.

Família	Nome científico	Nome popular	Hábito	Origem	Parte usada	Indicações
Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Micheli	Chapéu-de-couro	He	N	Folha/raiz	Infecção urinária
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Terramici na	He	N	Folhas	Inflamação em geral
Amaranthaceae	<i>Gomphrena globosa</i> L.	Perpétua branca	He	N	Flor	Cólicas
Amaranthaceae	<i>Gomphrena officinalis</i> Mart.	Paratudo /flor-do-diabo	He	N	Raiz/folha /flor	Colite do reto
Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira	Ar	N	Casca	Cicatrizante/ dor de estômago
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia galeata</i> Mart.	Cipó-milhomen papo-de-peru/ jarriinha	MHe	N	Folhas	Gástrico/ intestinal

Família	Nome científico	Nome popular	Hábito	Origem	Parte usada	Indicações
Asteraceae	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC.	Carqueja	MHe	N	Folha/ galhos	Pressão arterial
Asteraceae	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Argelim do mato/estomalina	MAr	N	Casca/ tronco	Úlceras
Asteraceae	<i>Stevia rebaudiana</i> (Bertoni) Bertoni	Estêvia	He	N	Galhos	Adoçante
Asteraceae	<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less.	Assa-peixe/ Cambará-branco	MHe	N	Folhas	Expectorante/ gripe
Bignoniaceae	<i>Arrabidaea</i> sp.	Crajiú/pariri	MArb	N	Folhas	Picadas de cobra/ferida
Bignoniaceae	<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Ipê-roxo	MAr	N	Casca/ folha/flor	Úlcera gástrica
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	Ar	N	Fruto/ semente	Doenças respiratórias
Bixaceae	<i>Cochlospermum regium</i> (Mart. ex Schrank) Pilg.	Algodãozinho/ algodão-bravo	MArb	N	Batata/flor/ folha	Mioma de útero
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	He	N	Frutos	Vitamina
Capparaceae	<i>Capparis speciosa</i> Griseb.	Mangava-brava	MAr	N	Casca	Gástrico/ intestinal
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	Espinheira-santa	MAr	N	Folhas	Úlceras
Cordiaceae	<i>Cordia glabra</i> L.	Louro	Ar	N	Folhas	Imunidade/ proteção

Família	Nome científico	Nome popular	Hábito	Origem	Parte usada	Indicações
Cucurbitaceae	<i>Cucurbita moschata</i> Duchesne	Abóbora	He	N	Semente	Vermífugo
Cucurbitaceae	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Buxinha paulistana	MHe	N	Fruto seco	Sinusite/rinite
Davalliaceae	<i>Davallia alata</i> Blume	Renda portuguesa	MHe	N	Planta inteira	Sorte/dinheiro
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira/ Cambará	MAr	N	Casca	Digestão
Euphorbiaceae	<i>Cnidoscolus pubescens</i> Pohl	Cansanção	MAr	N	Folha, flor	Tumores
Euphorbiaceae	<i>Croton salutaris</i> Casar.	Sangra-d'água	MAr	N	Seiva	Ferimentos
Euphorbiaceae	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Sangra-d'água	Ar	N	Seiva	Ferimentos
Fabaceae	<i>Bowdichia major</i> (Mart.) Mart. ex Benth.	Sucupira	Ar	N	Semente	Inflamações
Fabaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i> (Desf.) Kuntze	Copaíba/ pau-d'óleo	Ar	N	Seiva/ casca	Inflamação em geral/pele e feridas
Fabaceae	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá	Ar	N	Casca/ fruto	Cicatrizante estomacal
Fabaceae	<i>Inga speciosa</i> M. Martens & Galeotti	Ingá	Ar	N	Frutos	Imunidade
Fabaceae	<i>Plathymenia foliolosa</i> Benth.	Vinhático/ Tuiú	Ar	N	Casca/ Folha/ semente	Picadas de cobra/ferida

Família	Nome científico	Nome popular	Hábito	Origem	Parte usada	Indicações
Fabaceae	<i>Senna hirsuta</i> (L.) H. S. Irwin & Barneby	Fedegoso	Ar	N	Folhas	Problemas intestinais
Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	Ar	N	Casca	Cicatrização
Lauraceae	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume	Canela	Ar	N	Casca	Mística religiosa/gordura fígado
Lythraceae	<i>Cuphea balsamona</i> Cham. & Schltdl.	Sete sangrias	Arb	N	Folha/flor	Hipertensão
Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Chico magro	Arb	N	Casca	Cólicas
Malvaceae	<i>Lueheopsis rosea</i> (Ducke) Burret	Açoita-cavalo	Ar	N	Tronco	Vermes
Moraceae	<i>Dorstenia brasiliensis</i> Lam.	Capiá/cara piá/contade-cobra	Arb	N	Folhas	Picadas de cobra/ferida
Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	Ar	N	Frutos	Vitamina
Myrtaceae	<i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) DC.	Pedra-humo-caá	Arb	N	Folhas	Diabetes
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba branca	Ar	N	Folha/fruto	Diarreia/vômito/cabelo
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba vermelha	Ar	N	Fruto/folhas	Diarreia/vômito
Myrtaceae	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Jamelão	Ar	N	Frutos/folhas	Diabetes
Nyctaginaceae	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Erva-tostão/pega-pinto	He	N	Folhas	Problemas renais

Família	Nome científico	Nome popular	Hábito	Origem	Parte usada	Indicações
Orchidaceae	<i>Cattleya bowringiana</i> O'Brien	Orquídea roxa	Trep	N	Planta inteira	Topofilia
Orchidaceae	<i>Oncidium cebolleta</i> (Jacq.) Sw.	Orquídea cebola	Trep	N	Planta inteira	Topofilia
Orchidaceae	<i>Vanilla planifolia</i> Andrews	Orquídea	Trep	N	Planta inteira	Topofilia
Orchidaceae	<i>Vanilla</i> sp.	Vanila/ baunilha	Trep	N	Fruto/ folhas	Saborizador de bebidas/ topofilia
Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich. ex DC.	Marmelada -bola	Ar	N	Frutos	Anemia
Rubiaceae	<i>Alibertia verrucosa</i> S. Moore	Marmelada -espinha	SArb	N	Folhas secas	Digestão
Rubiaceae	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook. f. ex K. Schum.	Mulateira	Ar	N	Casca/ folha	Hipertensão
Sapindaceae	<i>Paullinia cupana</i> Kunth	Guaraná	Arb	N	Frutos	Estimulante
Solanaceae	<i>Capsicum baccatum</i> L.	Pimenta chumbinho	He	N	Frutos	Circulação/ coração/ proteção
Solanaceae	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St.-Hil.	Fruta-de-lobo/ lobeira	Arb	N	Raiz	Diabetes
Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	He	N	Folha	Problemas gástricos
Viburnaceae	<i>Sambucus nigra</i> L.	Sabugueiro	Arb	N	Flores	Gripe/resfriado

Família	Nome científico	Nome popular	Hábito	Origem	Parte usada	Indicações
Vochysiaceae	<i>Callisthene fasciculata</i> Mart.	Carvão branco	Trep	N	Folha/casca	Colesterol
Vochysiaceae	<i>Vochysia divergens</i> Pohl	Cambará	Trep	N	Folha/casca	Depurativo do sangue

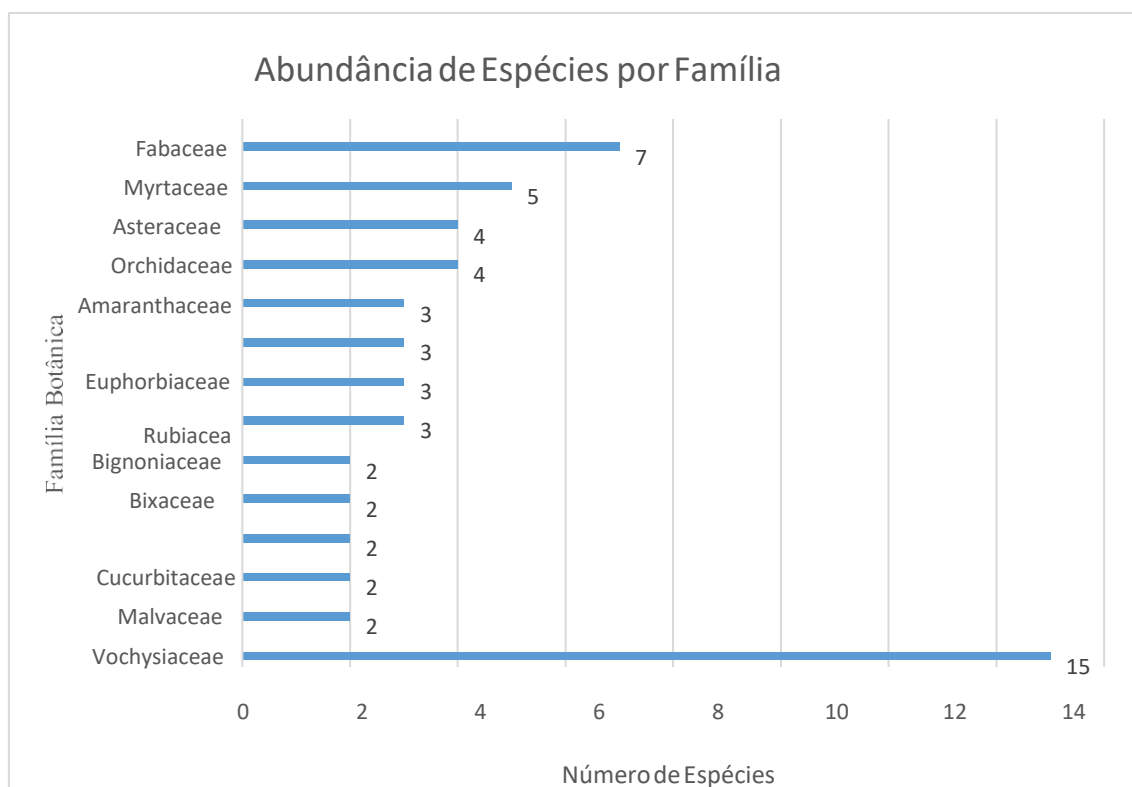
Legenda: A=alimentar; M=medicinal; O=ornamental; Md= madeira (construções em geral). Quanto ao hábito: **Ar** = arbórea; **Arb**= arbusto; **SArb**= subarbusto; **He**= herbácea; **Trep**= trepadeira.

As 57 espécies medicinais nativas foram distribuídas entre as 28 famílias botânicas, conforme Figura 2. A família Fabaceae se destaca com a maior representatividade (7 espécies), seguida por Myrtaceae (5 espécies). É notável que as espécies pertencentes a estas duas famílias mais importantes são exclusivamente de hábito arbóreo ou arbustivo, um dado que se conecta diretamente com a alta frequência de uso da casca e dos frutos, detalhado adiante. Em contraste com essa concentração, onde designado "Outras famílias" agrupa as 15 famílias restantes que foram representadas por uma única espécie cada, demonstrando a ampla diversidade taxonômica que compõe a farmacopeia local.

Fabaceae é a maior família em número de espécies da flora brasileira, presente em todos os tipos de vegetação. No Cerrado também é a família com maior diversidade, incluindo desde pequenas ervas até árvores muito grandes dos Cerradões (Souza et al. 2018). Algumas espécies merecem destaque, tanto pela presença dominante na paisagem, quanto pela sua ampla distribuição. Plantas medicinais também são inúmeras entre as leguminosas. A oleorresina produzida pela *Copaiba langsdorfii* e outras espécies do gênero, conhecida como “óleo-de- copaíba” possui ampla aplicação na medicina popular. Estudos de Mamede & Pasa (2019) ressaltam o uso medicinal da copaíba.

O jatobá-do-cerrado *Hymenaea stigonocarpa* é uma árvore tortuosa, bastante típica do Cerrado, apresentado frutos com casca dura e sementes envoltas em polpa comestível, bastante usado na medicina tradicional mato-grossense). A importância desta família na medicina popular também é observada em outros estudos etnobotânicos em Mato Grosso, como o realizado na comunidade Rio dos Couros (COSTA et al., 2017). A relevância de Fabaceae é exemplificada no presente estudo pelo uso de espécies icônicas como o "Barbatimão" (*Stryphnodendron adstringens*) e a "Copaíba" (*Copaifera langsdorffii*).

Figura 2 - Abundância de espécies por família botânica



Fonte: Acervo dos autores (2025).

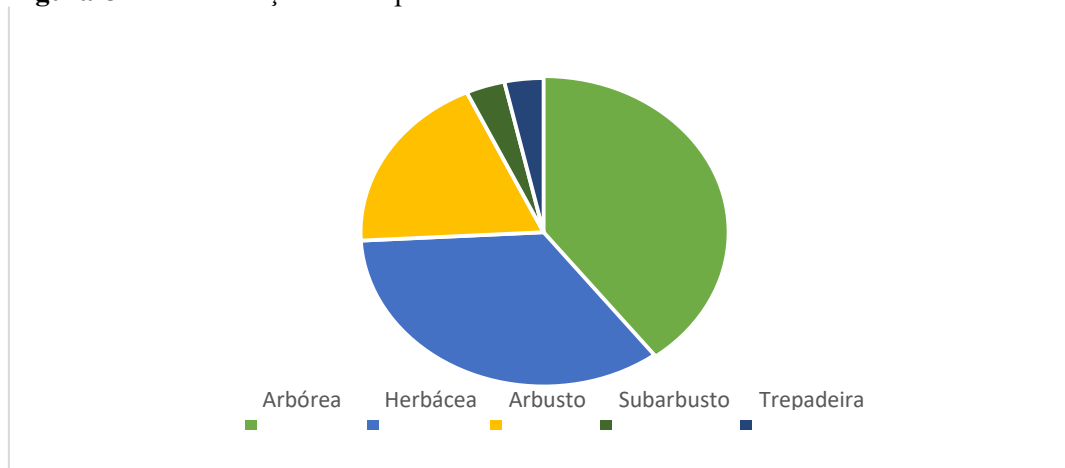
A diversidade de plantas medicinais reflete a riqueza florística dos biomas locais e está diretamente relacionada à disponibilidade de habitats naturais e ao intercâmbio de germoplasma, que ocorrem desde o início do processo diaspórico. Para Pasa (2011) várias plantas introduzidas são cultivadas em espaços antropicamente modificados, como quintais e jardins. Voeks (2017) descreve jardins e quintais como espaços artificiais que podem ser considerados paisagens culturais ou domesticadas. Em comunidades tradicionais de quilombos ou não, esses espaços geralmente possuem uma mistura de espécies nativas e exóticas (GUARIM NETO et al., 2010, ÁVILA et al. 2015).

O expressivo consenso de uso das plantas na medicina tradicional nas comunidades em ambientes do Cerrado e do Pantanal, reforçam a diversidade representada pelas famílias Asteraceae. Para Conde et al. (2017), a diversidade botânica expressa o conhecimento tradicional e pode ser devido ao fato de que o legado etnobotânico de quilombo ou tradicional inclui uma combinação de conhecimentos das plantas por africanos, ameríndios e europeus. Neste estudo, o legado etnobotânico se dá pela combinação de povos africanos, indígenas do Brasil e europeus.

A família Myrtaceae é frequentemente destacada por sua dupla aptidão, fornecendo tanto recursos alimentares quanto medicinais, um pilar para a manutenção da agrobiodiversidade em sistemas de pequena escala (AMOROZO, 2013). Este perfil é observado no presente estudo através de espécies como a "Goiaba" (*Psidium guajava*) e a "Pitanga" (*Eugenia uniflora*), reforçando a sobreposição entre usos alimentares e

terapêuticos. Quanto ao hábito das espécies medicinais a predominância é para arbórea, seguido de herbácea e arbusto, que juntas representam em torno de 90% da riqueza vegetal da farmacopeia presente nos biomas cerrado, pantanal e ecótono amazônico, conforme Figura 3.

Figura 3 - Distribuição das espécies medicinais nativas de acordo com o hábito. MT. 2025

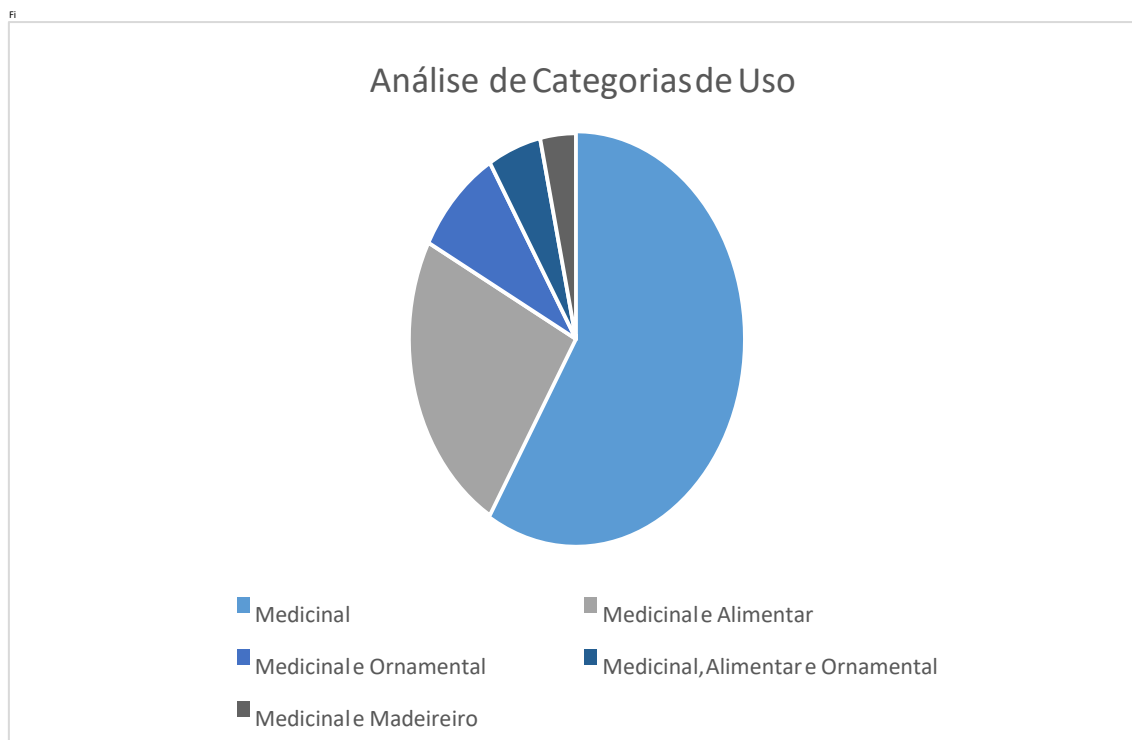


Fonte: Acervo dos autores (2025).

A representatividade de árvores indica um conhecimento consolidado sobre a flora madura e estabelecida do ambiente, associado ao uso de partes como cascas e resinas. Em complemento, a expressiva participação de ervas sugere uma estratégia de coleta de recursos de ciclo de vida mais curto, frequentemente encontrados em áreas próximas às residências, como quintais e áreas de clareira.

Para as categorias de uso medicinal a maioria das espécies nativas (58,6%) possui uma função estritamente medicinal, o que aponta para um conhecimento especializado e direcionado para fins terapêuticos específicos. Contudo, uma parcela significativa de 41,4% das plantas é multifuncional, possuindo uso misto. Dentro desta última categoria, destaca-se a sobreposição entre os usos medicinal e alimentar (A/M), evidenciando uma visão de mundo integrada, na qual a fronteira entre nutrição e saúde é fluida e o alimento é também percebido como remédio, conforme Figura 4.

Figura 4 - Categorias de uso das espécies medicinais nas áreas e estudos. MT. 2025.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Além das espécies medicinais registrou-se muitas plantas alimentares presentes nas matas e, conseqüentemente presentes na dieta, como o pequi (*Caryocar brasiliense* Cambes), caju (*Anacardium occidentale* L.), graviola (*Annona muricata* L.), ata (*Annona squamosa* L.), seriguela (*Spondias purpurea* L.), bocaiúva (*Acrocomia aculeata* (Jacq.) Lodd. ex Mart.), jatobá-mirim (*Hymenaea courbaril* L.), jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. ex Hayne), copaíba ou pau d'óleo (*Copaiba langsdorfii* (Desf.) Kuntze), mangaba (*Hancornia speciosa* Gomes), sucupira-preta (*Bowdichia virgilioides* Kunth), maracujá (*Passiflora edulis* Sims.), carambola (*Averrhoa carambola* L.), jambo (*Syzygium cumini* (L.) Skells), jabuticaba, (*Myrciaria cauliflora* (Mart.) O. Berg), goiaba (*Psidium guajava* L.), amora (*Morus nigra* L.), jaca (*Artocarpus integrifolius* L. f.), cacau (*Theobroma cacao* L.), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum* (Willd. ex Spreng.) K. Schum.), quina-genciana (*Acosmium subelegans* (Mohlenbr.) Yakovle), tripa-de-galinha (*Bauhinia glabra* Jacq.), feijão andu ou guandu (*Cajanus cajan* (L.) Huth), sangra d'água (*Croton salutare* Casar.), gravatá (*Bromelia balansae* Mez), quina-do-cerrado (*Strychnos pseudoquina* A. St. -Hil.), ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Toledo), entre outras.

Nas hortas além de espécies medicinais também foram registradas as alimentares, como abóbora (*Cucurbita moschata* Dusch.), batata-doce (*Ipomoea batatas* (L.) Lam.), couve (*Brassica oleracea* L.), alface (*Lactuca sativa* L.), rúcula (*Eruca sativa* Mill.), agrião (*Nasturtium officinale* W.T. Aiton), cenoura (*Daucus carota* L.), salsa (*Petroselinum crispum* (Mill.) Fuss), espinafre (*Spinacea oleracea* L.), chuchu (*Sechium edule* (Jacq.) Sw.), pepino (*Cucumis sativus* L.), coentro (*Cichorium endivia* L.), cebola (*Allium cepa* L.), manjerona (*Origanum majorana* L.), hortelã-pimenta (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng), alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.), manjerição (*Ocimum*

basilicum L.), erva-canudo (*Hyptis suaveolens* (L.) Poit.), erva- cidreira (*Melissa officinalis*), poejo (*Mentha pulegium*), boldo (*Plectranthus barbatus*), hortelã (*Mentha villosa*), macela (*Achyrocline satureioides* (Lam.) DC.), terramicina (*Alternanthera brasiliana* (L.) Kuntze), anador (*Justicia pectoralis* Jacq.), entre outras.

Espécies de Lamiaceae são cultivadas nas hortas devido às características aromáticas, denominadas regionalmente de “especiarias”, na forma de temperos, sabores incorporados à gastronomia mato-grossense. Lamiaceae, ervas a arbustos, menos frequentemente árvores, comumente aromáticos (SOUZA et al., 2018).

As espécies com uso misto (alimentar e medicinal) como padrão fundamentam resumidamente (Lezan et al. (2024): “[...] *para nós as plantas alimentares são consideradas também medicinais porque tratam da nossa saúde...*”. Esta sobreposição evidencia que, no sistema de conhecimento tradicional local, não há uma separação rígida entre nutrição e terapia.

Os resultados corroboram com o padrão encontrado em diversos estudos etnobotânicos (Lezan et al., 2024) e pode ser atribuído à facilidade de coleta e à alta concentração de metabólitos secundários, como alcaloides e flavonoides, presentes nas folhas.

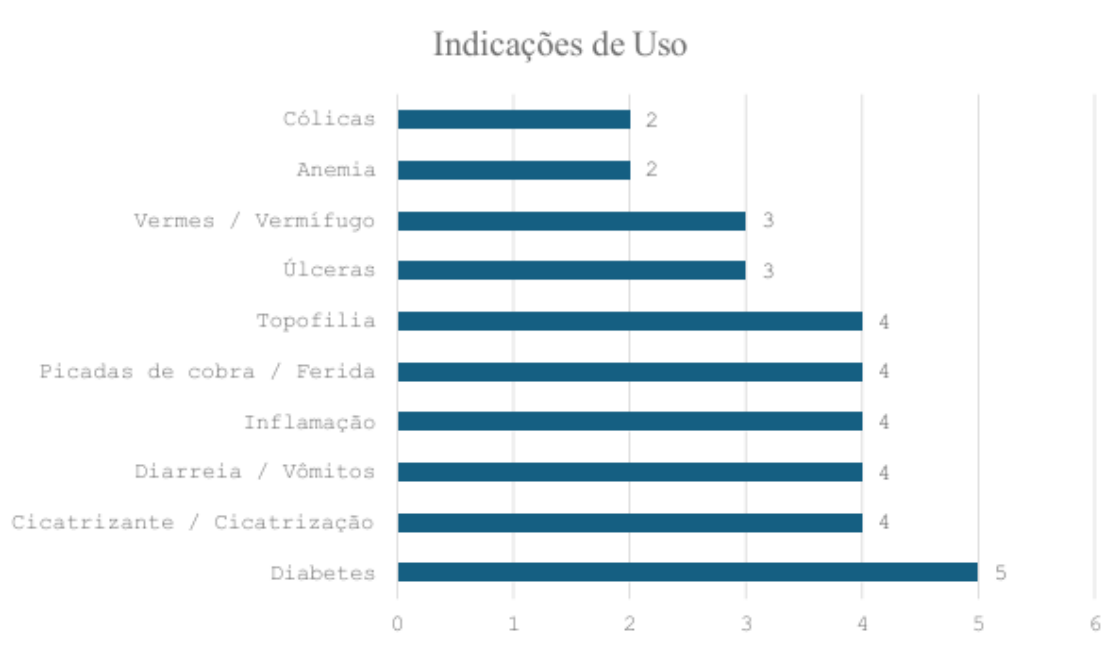
Em segundo lugar, destaca- se o uso da casca (11 citações) um resultado consistente com a alta representatividade do hábito arbóreo (39,7%) encontrado neste estudo, indicando a importância de espécies lenhosas na farmacopeia local.

O uso de frutos (9 citações) reforça a sobreposição entre as categorias de uso alimentar e medicinal, já discutida anteriormente.

Portanto, a diversidade cultural no Brasil é de suma importância quando se trata de acesso e prestação de serviços em cuidados em saúde. Isto implica uma gama de características culturais, crenças, religiões e aspectos ligados às práticas curativas, sendo amplamente praticada pela população brasileira. Esta rica expressão de nossa diversidade étnico-cultural tem atraído o olhar de pesquisadores da antropologia, sociologia, história, dentre outros (ANDRADE et al 2015).

As partes das plantas usadas para fins medicinais revela um total de 69 citações de uso, sendo a folha a estrutura predominantemente empregada (24 citações) e de grande conhecimento das populações sobre o uso das folhas e as formas de usos, conforme Figura 5.

Figura 5 - Principais indicações de usos para as plantas medicinais nativas. MT. 2025.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

Para as indicações de usos mais frequentes, registro para com o tratamento de Diabetes sendo o mais proeminente. Além das categorias visualizadas, é importante notar a existência de uma diversidade de outros usos que demonstram a amplitude da farmacopeia local. Foram registradas outras seis condições com duas citações cada: digestão, problemas gástricos, problemas intestinais, gripe, resfriado, hipertensão (pressão arterial), imunidade, vômitos, cólicas, úlceras, picadas de cobra, anemia, diarreia, diabetes, inflamação e vitaminas. Adicionalmente, um conjunto de 18 outras indicações foram mencionadas uma única vez (incluindo adoçante, cardíaco e colesterol, entre outras), o que reforça o vasto conhecimento tradicional detido pelas comunidades.

Portanto, as indicações terapêuticas oferecem um panorama sobre as principais preocupações de saúde das comunidades (Figura 5). O destaque para o tratamento de Diabetes (5 citações), ao lado de condições agudas e recorrentes no ambiente rural como a necessidade de cicatrizantes (4 citações) e o tratamento para diarreia (4 citações), demonstra que a farmacopeia local é acionada para lidar com problemas básicos de saúde ancorados no conhecimento empírico local.

A estrutura da farmacopeia se estende para além do tratamento de doenças físicas, abrangendo também o tratamento para doenças espirituais, doenças da alma, do bem-estar espiritual, como observado nos usos para "topofilia" e "proteção". Essa categoria medicinal ritualística vem se alinhando a uma concepção de saúde holística, que engloba o bem-estar físico, mental e espiritual (OMS, 2007), e com isso reforçando a profundidade da medicina tradicional praticada nas comunidades.

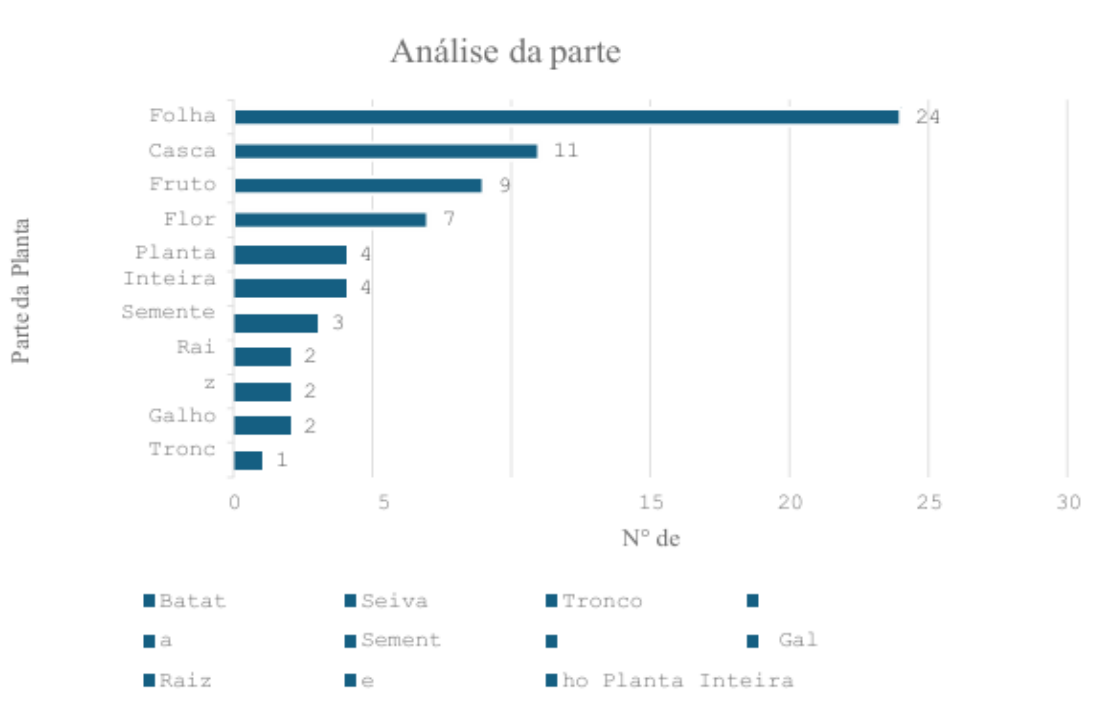
Muitos informantes referem que *“as plantas ornamentais emanam energia positiva para a alma e para o corpo e provocam um benefício na saúde e no bem-estar da gente...”*, sob o olhar etnobotânico é possível considerar as plantas ornamentais também como medicinais, segundo definição de Saúde pela Organização Mundial de Saúde (OMS).

Estudo de Ferreira et al. (2016) destacam que plantas mencionadas pela população como ornamentais e místicas, além do paisagismo auxiliam na proteção pessoal, pois são plantas que servem para livrar-se de energias negativas, quebrantos, mau-olhado, inveja e dores físicas, incluindo os animais que sofrem de males espirituais, onde é feito uma reza por um dos benzedeiros da comunidade para que o animal ou humano reestabeleça a saúde, e incluem-se nesta categoria, *Sansevieria trifasciata*, (Espada-de- São-Jorge), *Petiveria alliacea* (Guiné), *Ruta graveolens* (Arruda), *Dieffenbachia picta* (Comigo-ninguém-pode), *Polygonum cf. punctatum* (Erva-de-bicho), *Capsicum* (Pimenta).

Segundo Voeks & Greene (2018) “a era colonial testemunhou uma busca febril por plantas medicinais exóticas pelos cientistas europeus”. E consideraram os povos indígenas e diaspóricos como “armazéns do conhecimento das plantas”. A conquista e colonização das Américas (em especial Mato Grosso) anunciaram inadvertidamente trocas biológicas de proporções sem precedentes, que acelerou o ritmo dos processos biogeográficos de troca entre o Velho e o Novo Mundo. Comunidades tradicionais mato-grossenses da era pré-colombiana confiavam em alimentos básicos como, milho, mandioca, abóbora, feijão, amendoim e batata doce. As bases alimentares ameríndias foram ampliadas e misturadas com plantas trazidas do Velho Mundo, como trigo, arroz branco, legumes e bananas, alguns naturalizados e incorporados à dieta local e criação de tradições etnobotânicas de culturas negras das Américas (PASA *et al*; 2019). Segundo Voeks (2017), o conhecimento africano aplicado à paisagem neotropical “proporcionou a readaptação ambiental no Novo Mundo, novas relações com a natureza selvagem e domesticada, e a troca genética de plantas entre continentes”.

Quanto as partes da planta usadas pela população das terras altas e baixas mato-grossenses é apresentado na Figura 6.

Figura 6 - Partes das plantas usadas como medicinais. MT. 2025.



Fonte: Acervo dos autores (2025).

H. stigonocarpa (jatobá) citada como medicinal com indicações para o processo de cicatrização, dores em geral, gripe, bronquite, asma, tosse e para baixar o PSA (Antígeno Específico da Próstata/ Prostate Specific Antigen), entre outros tratamentos, é usada na medicina tradicional rural e apresentadas na tabela abaixo com a indicação de usos e a forma de preparo do remédio (Tabela 2).

Tabela 2 - Usos e modo de preparo da espécie *H. stigonocarpa* do Cerrado.

Indicação	Modo de preparo
Diabetes	Chá das folhas
Baixar PSA	Xarope da casca-cozinhar a casca com água e coar, em seguida coloca açúcar e deixar evaporar a água
Cicatrização e dores	Melado da casca-500g de casca para 3-5L de água, deixar ferver até evaporar a água e passar no local
Bronquite e asma	Xarope da casca
Gripe	Xarope da casca
Tosse	Xarope da casca
Gripe e tosse	Retira o "vinho" do jatobá coloca uma colher (café) do vinho em 1 copo de água.

Fonte: Acervo dos autores (2025).

O xarope é o preparo mais indicado, e o modo de preparo inclui misturar as cascas da espécie com água e açúcar, levar ao fogo para cozinhar até evaporar metade da água, coar, em seguida voltar ao fogo até ganhar consistência de xarope, o recomendado é consumir duas colheres de sopa ao dia, até enquanto durarem os sintomas. Resultados semelhantes encontrados por (Pasa *et al.*, 2005) em comunidades tradicionais do Arica, MT.

O “vinho” do jatobá, tradicionalmente retirado da árvore na época de seca, trata-se de um líquido concentrado e escuro, deve ser diluído em água para ser ingerido. A seiva do jatobá apresenta as mesmas propriedades que o chá elaborado a partir da casca, que além de fortalecedor o sistema imunológico, é utilizado por quilombolas e indígenas (LIMA *et al.*, 2007).

A fruta é usada para úlceras na boca, e as folhas e madeiras são usadas para diabetes, também para cistite, hepatite, prostatite, tosse, bronquite, para problemas estomacais e para tratar micoses de unhas (HUSSAIN *et al.*, 2012). Para Bezerra *et al.*, (2013) a espécie com potencial ação farmacológica para tratar bronquite e asma.

Os taninos por conter atividade antimicrobiana, antifúngica e antioxidante, são utilizadas como agentes anticarcinogênicos (mama, próstata, pele e estômago), anti-inflamatórios e cicatrizantes e doenças renais e hepáticas (CHUNG, *et al.*, 1998). Diante

do exposto nota-se a comprovação do potencial etnofarmacológico da espécie e corroboração das práticas da medicina tradicional realizadas nas comunidades estudadas.

Para os dados etnobotânicos quantitativos que revelam o consenso de uso ou a concordância de usos das plantas pela população nas diferentes comunidades estudadas, estatisticamente podemos aferir o quanto a população usa e para quais indicações, e assim obtemos o percentual do consenso de uso cultural de cada espécie. Quando as mesmas plantas são usadas por várias pessoas e de diferentes lugares então existe consenso de uso cultural.

Para Phillips (1996) e Friedman et al (1986) o consenso informante permite avaliar a importância relativa de cada planta que é calculada diretamente sobre o grau de consenso das respostas dos informantes (FRIEDMAN, 1986; ALBUQUERQUE & ANDRADE, 2002; PASA, 2021) permitindo definir a importância relativa de concordância de usos principais. Os dados referentes ao uso das plantas na medicina tradicional, especialmente ao tratar dos males que acometem o corpo e alma e expressas pelo PCU_{sp} (%), que determina culturalmente o percentual do consenso dos usos das plantas nessas comunidades tradicionais localizadas em terras altas e baixas mato-grossenses (Tabela 3).

Tabela 3 - Valor de uso das plantas (VU_{sp}) nas comunidades mato-grossenses (PCU_{sp} %).

Nome científico	Nome popular	PCU _{sp} (%)
<i>Hymenaea stigonocarpa</i>	Jatobá	90,2
<i>Vernonia polyanthes</i>	Assa-peixe, Cambará-branco	87,7
<i>Bixa orellana</i>	Urucum	87,2
<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Barbatimão	82,2
<i>Copaifera langsdorffii</i>	Copaíba, pau-d'óleo	84,5
<i>Bowdichia major</i>	Sucupira	83,5
<i>Cucurbita moschata</i>	Abóbora	82,0
<i>Tabebuia heptaphylla</i>	Ipê-roxo	81,9
<i>Cinnamomum zeylanicum</i>	Canela	80,0
<i>Cordia glabra</i>	Louro	77,4
<i>Alternanthera brasiliana</i>	Terramicina	75,3
<i>Senna hirsuta</i>	Fedegoso	73,8
<i>Cuphea balsamona</i>	Sete-sangria	73,2
<i>Baccharis trimera</i>	Carqueja	72,6
<i>Psidium guajava</i>	Goiaba-vermelha	70,3
<i>Paullinia cupana</i>	Guaraná	69,1
<i>Vochysia divergens</i>	Cambará	68,2
<i>Guazuma ulmifolia</i>	Chico-magro	68,1
<i>Cochlospermum regium</i>	Algodãozinho/algodão bravo	65,6
<i>Gonphrena officinalis</i>	Paratudo/flor-do-diabo	65,6
<i>Capsicum baccatum</i>	Pimenta-chumbinho	65,5
<i>Inga speciosa</i>	Ingá	65,2

<i>Curatella americana</i>	Lixeira/Cambará	64,5
<i>Capparis speciosa</i>	Mangava-brava	61,9
<i>Solanum paniculatum</i>	Jurubeba	61,0
<i>Gymnanthemum amygdalinum</i>	Argelim mato/estomalina	60,8
<i>Croton salutaris</i>	Sangra d' água	60,3
<i>Eugenia uniflora</i>	Pitanga	59,0
<i>Croton urucurana</i>	Sangra d' água	58,7
<i>Sambucus nigra</i>	Sabugueiro	58,5
<i>Cnidioscolus pubescens</i>	Cansação	57,3
<i>Calycophyllum spruceanum</i>	Mulateira	56,0
<i>Maytenus ilicifolia</i>	Espinheira-Santa	52,0
<i>Vanilla sp.</i>	Vanila	51,5
<i>Ananas comosus</i>	Abacaxi	50,5
<i>Schinus terebinthifolia</i>	Aroeira	50,4
<i>Callisthene fasciculata</i>	Carvão-branco	49,2
<i>Alibertia edulis</i>	Marmelada-bola	40,0
<i>Dieffenbachia picta</i>	Comigo-ninguém pode	38,7
<i>Echinodorus grandiflorus</i>	Chapéu-de-couro	36,8
<i>Arrabidea sp.</i>	Crajiru/pariri	34,3
<i>Dorstenia brasiliensis</i>	Capiá, carapiá, conta -de cobra	34,3
<i>Aristolochia galeata</i>	Cipó mil-homens/papo-de- peru, jarrinha	33,5
<i>Plathymenia foliolosa</i>	Vinhático tuiú	33,2
<i>Psidium guajava</i>	Goiaba-branca	33,2
<i>Luffa operculata</i>	Buxinha paulistana	32,0
<i>Vanilla planifolia</i>	Orquídea	31,0
<i>Davallia alata</i>	Renda portuguesa	29,8
<i>Stevia rebaudiana</i>	Estévia	29,6
<i>Syzygium cumini</i>	Jamelão	29,5
<i>Boerhavia diffusa</i>	Erva-tostão/ pega pinto	29,5
<i>Cattleya bowringiana</i>	Orquídea roxa	26,0
<i>Oncidium cebolleta</i>	Orquídea cebola	22,0

Fonte: Acervo dos autores (2025).

Do total das espécies medicinais (n=57) consideramos os valores de usos que apresentaram consenso informante acima de 50%, representando um resultado satisfatório para estudos etnobotânicos.

Nessas comunidades rurais o uso sustentável de plantas medicinais funciona como um serviço ecossistêmico ambiental (SEA). Os serviços ecossistêmicos culturais são os benefícios que as pessoas obtêm do contato com a natureza que contribuem para a cultura e relações sociais, como por exemplo, patrimônio cultural, identidade cultural, conservação da paisagem, identidade espiritual e religiosa (MINAYO, 2006).

Para as plantas medicinais que obtiveram PCU_{sp} maior que 50%, o nível de consenso cultural (intervalo entre 100 e 50 por cento) é de 63%, ou seja, um resultado significativo em termos culturais. A expressividade do consenso informante é uma ferramenta poderosa na área da Etnobotânica porque expressa o quão as populações usam, manejam os conservam os recursos vegetais através do etnoconhecimento adquiridos de seus ancestrais e perpetuado entre as gerações, através das manifestações religiosas e de cura (VOEKS, 2016; PASA, 2020; FERREIRA et al, 2020).

Dentre as plantas usadas pela população 37% tiveram valores percentuais abaixo de 50%, provavelmente devido ao acesso restrito, a exemplo *Callisthene fasciculata*, *Plathymenia foliolosa* (espécies arbóreas) e *Cattleya bowringiana*, sendo a extração preferencialmente pelo gênero masculino por se tratar de espécies florestais e muitas vezes de difícil acesso para o gênero feminino.

Plantas místicas religiosas como *Cordia glabra* (louro), *Cinnamomum zeylanicum* (canela), *Hymenaea stigonocarpa* (jatobá), entre outras, alcançaram os maiores valores de consenso informante e revela o quão são expressivas no exercício da medicina tradicional nas comunidades, neste contexto todas as plantas igual ou superior a 50% são significativas quando se trata de saúde, cultura e religiosidade.

CONCLUSÃO

A diversidade de plantas medicinais nativas desempenha um papel fundamental no atendimento às necessidades básicas de saúde das famílias rurais mato-grossenses. A variedade de aplicações terapêuticas, somada à profunda integração de muitas dessas plantas na alimentação cotidiana, reforça que a flora local não é apenas um recurso para tratar doenças, mas uma parte integral da manutenção da saúde e do bem-estar de populações humanas, na qual a farmacopeia nativa nos biomas representa verdadeiras farmácias vivas.

Em relação a possível ameaça à biodiversidade local, o estudo conclui que as comunidades investigadas ainda mantêm práticas de manejo e conservação que atuam como uma salvaguarda contra a perda imediata do conhecimento e dos recursos vegetais. Devido a essas práticas de manejo, as comunidades não apresentam ameaças de rompimento imediato de suas atividades botânicas e etnobotânicas. No entanto, o estudo aponta para uma vulnerabilidade futura, indicando que as comunidades podem sofrer erosão cultural, que forçosamente podem levar ao rompimento da transmissão cultural entre gerações. Embora a situação atual seja de resiliência, a conservação a longo prazo depende da continuidade da transmissão cultural ancestral às novas gerações.

As matas, quintais e as hortas constituem o repositório da diversidade medicinal, além da segurança alimentar nessas comunidades. Os quintais e hortas são considerados espaços culturalmente modelados pela mão do homem, onde o conhecimento sobre o cultivo e o manejo das plantas é aplicado e transmitido diariamente. As matas uma fonte de recursos nativos específicos e inesgotável, quando bem conservado. Portanto, as

unidades de paisagem são considerados um mosaico verde integrando que garantindo o acesso contínuo e diversificado aos recursos terapêuticos vegetais.

As práticas etnobotânicas registradas ao longo do estudo revelam um complexo sistema de conhecimento que interliga saúde e cultura, sendo um pilar para a autonomia e resiliência das comunidades. Essas práticas refletem a história de ocupação humana e a profunda relação das populações com o mundo natural em terras mato-grossenses. Além do conhecimento farmacológico empírico, essas práticas englobam uma dimensão cultural e simbólica, onde a cura do corpo está intimamente ligada ao bem-estar espiritual, refletindo suas origens e sua identidade. Conclui-se, que as práticas etnobotânicas constituem patrimônio cultural imaterial que garante não apenas a manutenção da saúde, mas também a conservação da biodiversidade e a perpetuação da história local.

Finalmente, destacamos que as populações conseguem expressar dignamente as manifestações culturais e biológicas repousadas na ciência do empirismo, ao tratar da doença e da saúde com o uso das plantas medicinais e medicinais místicas religiosas. Porém, o estudo estabelece uma base fundamental ao documentar o rico capital biológico e o conhecimento tradicional a ele associado, mas não significa uma abordagem completa e única, e sugere que novos estudos são necessários e bem-vindos, ao agregar valores às plantas medicinais para o cenário da bioeconomia mato-grossense.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as comunidades tradicionais rurais Passagem da Conceição em Várzea Grade; Vale das Pedras no Alto Paraguai em Rosário Oeste; Bauxi no Alto Paraguai em Rosário Oeste e a comunidade Carne Seca em terras baixas em Cáceres no Pantanal mato-grossense.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**.

São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 115-136.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; CUNHA, V. F. C. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica**. 1. ed. Recife: NUPEEA, 2010.

AMOROZO, M. C. M. Sistemas agrícolas de pequena escala e a manutenção da agrobiodiversidade - uma revisão e contribuições. Rio Claro/Botucatu: Edição FCA UNESP. 2013.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.

ANGIOSPERM PHYLOGENY GROUP. An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV. **Botanical Journal of the Linnean Society**, v. 181, p. 1-20, 2016.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, X., 2011, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2011. p. 329-341.

COSTA, I. B. C.; BONFIM, F. P. G.; PASA, M. C. Ethnobotanical survey of medicinal flora in the rural community Rio dos Couros, state of Mato Grosso, Brazil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**, v. 16, n. 1, p. 53-67, 2017.

FERREIRA, A. L. S.; PASA, M. C.; NUNEZ, C. V. A Etnobotânica na Comunidade Barreirinho. Santo Antônio do Leverger MT, Brasil. **Interações**, v. 15, n. 2, p. 85-100, 2016.

FORD, R. I. **The nature and status of ethnobotany**. Ann Arbor: University of Michigan, 1978.

HATTORI, E. K. O.; NAKAJIMA, J. N. A família Asteraceae na Estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental Galheiro, Perdizes, Minas Gerais, Brasil. **Rodriguésia**, v. 59, n. 4, p. 687-749, 2008.

LEZAN, L. Z.; RIBEIRO, T. A. N.; PASA, M. C. Etnobotânica nas terras altas e baixas no Centro- Oeste do Brasil. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Cuiabá (MT), v. 2, n. 13, e2024017, 2024.

LORENZI, H. **Árvores brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum, 2002.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **CID-10**: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. 10. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Diretrizes da OMS sobre boas práticas agrícolas e de coleta (BPA/BPC) para plantas medicinais**. Genebra, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Estratégia da OMS sobre medicina tradicional 2002-2005**. Genebra, 2003.

PASA, M. C. Medicina tradicional em comunidades mato-grossenses. **Biodiversidade**, v. 19, n. 2, p. 02-19, 2020.

PASA, M. C; HANAZAKI, N; SILVA, O. M. D.; AGOSTINHO, A.; ZANK, S.; ESTEVES, M. I. P. N. Medicinal plants in cultures of Afro-descendant communities in Brazil, Europe and Africa. **Acta Botanica Brasilica**, v. 33, n. 2, p. 340-349, 2019.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. Conhecimento e uso de plantas medicinais em uma comunidade rural do município de Jundiaí, SP. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 8, n. 4, p. 76-90, 2006.

SIMÕES, C. M. O. et al. **Farmacognosia: da Planta ao Medicamento**. 6. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

SOUZA, V. C.; FLORES, T. B.; COLLETTA, G. D. et al. **Guia das Plantas do Cerrado**. Piracicaba, SP: Taxon Brasil, 2018.